

SEXTA-FEIRA SANTA

29 DE MARÇO DE 2024

ISAÍAS 52.13-53.12

1. Textos do dia

Salmo 22: Muitos Salmos são fruto de experiências vividas pelos seus autores, não é, porém, o caso deste Salmo. Ao longo da história da Igreja Cristã predominou a abordagem preditiva, que considera todo o Salmo como uma profecia referente ao próprio Jesus Cristo. Em outras palavras, Davi, ao escrever o Salmo, profetizava conscientemente a respeito do Messias sofredor e vitorioso sobre a morte. Leupold não nega que elementos da experiência de vida do autor possam ter influenciado a composição do Salmo, mas ressalta que a profecia prevalece. Por esta razão, conclui que o Salmo 22 pode ser colocado ao lado da grande profecia do capítulo 53 do livro de Isaías, que descreve a obra substitutiva e expiatória do Servo sofredor.

Isaías 52.13-53.12: O último dos quatro cânticos do Servo. Isaías descreve a graça de Deus, que em seu profundo amor abençoa um povo pecaminoso. Todas as promessas de Deus se tornam realidade porque o Servo sofredor e triunfante remove a culpa da humanidade com o seu sacrifício inocente. É uma das passagens mais grandiosas e queridas das Escrituras Sagradas, o mais precioso Evangelho presente em pleno Antigo Testamento. Na verdade, Lei e Evangelho: a sentença mais dura da Lei pelos pecados da humanidade é executada sobre o Servo de Deus, mas essa mesma ação constitui o mais profundo e gracioso Evangelho, pois as suas feridas sararam a terrível enfermidade dos nossos pecados.

Hebreus 4.14-16; 5.7-9: No Antigo Testamento, somente o sumo sacerdote, uma vez ao ano, poderia entrar no santuário para realizar o sacrifício que expiava

os pecados do povo (cf. Lv 16). A Lei que condenava, oferecia também um modo de aproximação com Deus por meio deste sacrifício. Lawrence Richards explica que o sumo sacerdote era uma espécie de ponte entre os seres humanos e Deus, uma via pela qual a graça divina fluía em direção a um povo que, mesmo não merecendo, era alvo da afeição de Deus. No Novo Testamento, quem assume plena e perfeitamente este ofício é o Deus-Homem, Jesus Cristo. Ele é o sumo sacerdote por excelência. Ao mesmo tempo, ele é o próprio sacrifício, entregando a si mesmo como expiação pelos pecados de toda a humanidade, o que faz dele o Autor da salvação. Cristo rompeu definitivamente o véu que nos separava de Deus, garantindo-nos, mesmo sem merecermos, livre acesso ao trono da graça divina. Por ser verdadeiro humano, somente Jesus pode compadecer-se verdadeiramente das nossas fraquezas, intercedendo continuamente em nosso favor.

João 19.17-30: O relato do evangelista João é o cumprimento de tudo aquilo que foi profetizado no Antigo Testamento a respeito do Cristo prometido. Como anteriormente havia deixado claro ao ser interrogado por Pilatos, o seu reino não era terreno, mas espiritual e eterno (cf. Jo 18.28-38). Sua cruel e injusta morte de cruz cumpre perfeitamente aquilo que Isaías profetizou no capítulo 53 do seu livro, bem como as palavras proféticas de Davi no Salmo 22. Foi com este sacrifício que Jesus Cristo, o Deus-Homem, cumpriu o seu ofício sacerdotal, tornando-se, para sempre, o nosso grande sumo sacerdote (cf. Hb 4.14-16).

2. Principal tema do dia

O tema principal que perpassa as quatro leituras bíblicas para a Sexta-Feira Santa é a obra expiatória de Jesus Cristo, o Servo sofredor. Além de cumprir perfeitamente a Lei de Deus em nosso lugar, ele tomou sobre si o castigo que merecíamos por nossa desobediência pecaminosa. A dívida que tínhamos com Deus foi completamente anulada através do seu sacrifício inocente na cruz do Calvário. O vínculo com Deus foi restabelecido.

3. Aprofundando o texto de Isaías 52.13-53.12

Com extraordinária clareza, inspirado pelo Espírito Santo, o profeta Isaías retratou de forma muito vívida a trajetória do Servo de Deus desde a manjedoura até o túmulo da ressurreição. Ele descreveu a maneira pela qual o Servo, nascido de uma virgem, expiaria os pecados de uma humanidade transgressora, ignorante e rebelde com o seu próprio sofrimento e morte. Nenhum outro ser humano poderia cumprir a missão do Servo. Lutero considera essa passagem a mais importante sobre o sofrimento e a ressurreição de Cristo. Muitos dos Pais da Igreja afirmam que Isaías parece ter estado aos pés da cruz ao escrever esta profecia.

O texto se divide em cinco estrofes. A primeira e a última estrofe contêm a recomendação do Servo na voz de Deus, enquanto as três estrofes do meio falam da humilhação e sofrimento do Servo. À medida que o poema avança, os versos crescem em peso e comprimento, dando ao texto uma espécie de canto de triunfo, como já sugere o primeiro versículo. O pensamento central do poema está focalizado em dois grandes contrastes: o contraste entre a exaltação do Servo e sua humilhação e sofrimento, e o contraste entre o que o povo pensava do Servo e qual era realmente a situação.

Este quarto Cântico do Servo pressupõe os três anteriores. John Oswalt afirma que a pessoa descrita aqui como o “braço” e o “Servo” do Senhor (53.1) é o mesmo descrito em 42.1-9; 49.1-6; e 50.4-9. O que é dito aqui sobre a sua obra, o seu caráter e a sua natureza é o que foi inicialmente descrito naquelas passagens. Não há nada novo aqui, embora muitos detalhes sobre seus sofrimentos só foram insinuados anteriormente: as consequências mundiais de sua obra após aparente fracasso, a falta de compreensão, a disposição de enfrentar o sofrimento imerecido, o sucesso infalível, tudo isso está presente em forma embrionária nas primeiras descrições.

Primeira estrofe (Is 52.13-15)

Na primeira estrofe deste quarto cântico, Deus apresenta o seu Servo, por meio do qual a aliança com Israel será restaurada e por meio de quem a luz virá sobre as nações. Ele terá pleno êxito em sua missão e seu cumprimento resultará em sua exaltação e elevação, como o apóstolo Paulo bem descreve em sua carta aos Filipenses (cf. Fp 2.5-11). O que causará surpresa e espanto em escala mundial é o modo como se dá o cumprimento desta missão, não por meio de triunfo e glória, mas através de sofrimento e humilhação. Contudo, este é o grande paradoxo, o triunfo glorioso do Servo se manifesta justamente em sua aparente derrota. É a humilhação do Servo que o conduzirá a exaltação.

John A. Braun ressalta que o Evangelho, a obra consumada de Jesus Cristo, desafia a razão e a experiência humana, é algo inimaginável e inédito na história. O coração e o intelecto humano não podem conceber tal mensagem. É o plano de Deus em ação do começo ao fim. A graça para os pecadores através do Servo sofredor só pode ser apreendida pelo coração e pela mente com a ajuda do Espírito Santo.

Segunda estrofe (Is 53.1-3)

Na segunda estrofe quem fala é o profeta, ou, como sugerem alguns comentaristas, o remanescente fiel da nação – aqueles que continuaram crendo, apesar da infidelidade da maioria. Desde os tempos antigos, os profetas anunciaram a salvação que estava por vir, o que choca é a revelação detalhada do caráter desta obra divina. Deus não executou o seu plano de salvação com exércitos, poder, diplomacia, desfiles, mas através do sofrimento voluntário do seu Servo. Leupold diz que este trecho parece descrever dois discípulos revendo as cenas trágicas ocorridas na Sexta-Feira Santa, expressando especialmente seu espanto diante do completo mal-entendido daqueles que eram culpados diante daquele que apareceu como o grande Sofredor. Quem creu na mensagem

confiável dos profetas, especialmente no que diz respeito ao seu sofrimento e filiação divina do Servo? A primeira reação do povo foi de total descrença.

Os versículos seguintes descrevem sua trajetória da manjedoura ao túmulo. Seu começo humilde, nascido na pequena Belém, crescido na insignificante Nazaré, tudo parecia tão desfavorável. Quem poderia notá-lo? Quem daria atenção especial a ele? Assim, julgado e desprezado com base em padrões humanos, o Servo parecia o mais improvável agente da missão divina. Entretanto, Deus permitiu que o seu Filho crescesse na vulnerabilidade da carne humana. Não parecia ser uma árvore com raízes profundas, mas um frágil broto. Contudo, este era o renovo da raiz de Jessé, o prometido descendente de Davi (cf. Is 11.1,10).

Não havia para ele aparente perspectiva de renascimento na terra seca do Império Romano. Não apenas entre gregos, mas entre praticamente todos os povos antigos a beleza era considerada uma espécie de pré-requisito para a grandeza. O Servo, no entanto, não cumpria este requisito. Ele era como qualquer pessoa comum, não podia mostrar a plenitude da sua majestade divina para não se desviar do caminho da cruz. Como poderia a grandeza de Deus estar presente em um humilde carpinteiro? Por isso, ele foi o mais desprezado e rejeitado, em níveis universais. No hebraico, o termo traduzido por “desprezado” remete a alguém destituído de valor e indigno de qualquer atenção. O Servo era insignificante. Homem de dores. Dores não suas, mas de toda a humanidade, pela qual ele sofreu e padeceu.

Também o Evangelho pode parecer insignificante, escândalo para os judeus, loucura para os gentios (cf. 1Co 1.23), contudo, somente nele está o poder para a salvação da humanidade. Assim como o Servo foi rejeitado e desprezado, não devemos nos surpreender se ainda hoje os fiéis mensageiros de seu Evangelho sofrem afrontas e rejeição.

Terceira estrofe (Is 53.4-6)

Esta estrofe do poema registra que o sofrimento do Servo não foi por sua própria culpa, como poderíamos supor, mas pelos “nossos” pecados; os sofrimentos dele resultaram em “nossa” cura. August Pieper afirma que nestes três versículos é revelada de maneira mais clara, do que em qualquer outra parte do Antigo Testamento, a essência do plano da redenção de Deus. Todo o Evangelho sobre a justificação pela fé, conforme exposto pelo apóstolo Paulo, estão nestes versículos. É todo o Evangelho do Novo Testamento em poucas palavras.

No antigo Oriente próximo era comum a ideia de que o sofrimento de alguém era consequência de algum delito praticado, pelo qual se deveria pagar de alguma forma. Essa ideia também não é estranha ao senso comum dos dias de hoje. O Servo, no entanto, sofreu não juntamente com o povo, mas **em lugar** deles, para que não precisassem experimentar os resultados terríveis de seus próprios delitos e pecados.

Alguém poderia argumentar: Israel já sofreu as consequências de seus pecados no cativeiro babilônico. Sim, mas apenas as consequências temporais e terrenas. Para eliminar as consequências espirituais e novamente colocar o ser humano em comunhão com o Santo Deus era necessária a substituição. Nisto consiste todo o sistema sacrificial do Antigo Testamento. Pode, afinal, um cordeiro substituir o ser humano e anular os seus pecados diante de Deus? Um simples cordeiro não, mas o Cordeiro de Deus, o Homem Perfeito, poderia. Esta era a missão do Servo, sacrificar a sua vida em substituição por toda a humanidade. Para essa missão apontaram todos os sacrifícios do Antigo Testamento, para aquele que tomaria sobre si a enfermidade dos nossos pecados.

Nossa tendência normalmente é abrandar os nossos pecados, porém Deus é rigoroso com o pecado. Para nos poupar da punição, ele escolheu o Servo, seu próprio Filho, para assumir esse ônus em nosso lugar. Não é uma questão de tirania, fúria ou sede por violência, é que para manter a relação com o seu povo a justiça deveria ser satisfeita. Somente o Servo poderia assumir tamanha incumbência. Ele não merecia nenhuma ferida, pois era inocente, mas foi

traspassado e esmagado, para que por seus ferimentos pudéssemos ser curados. Como afirmou Lutero: “O castigo foi imposto a ele para que pudéssemos ter paz”.

Ovelhas são animais ingênuos e inconscientes, geralmente estão focadas apenas na relva que tem diante de si para pastar, quando surpreendidas por qualquer perigo ficam amedrontadas e tendem a fugir para qualquer direção, por isso facilmente se perdem. É isso que o pecado faz conosco, nos torna ingênuos e inconscientes, tira de nós qualquer noção real do perigo e das consequências, nos faz fugir de Deus e coloca-nos sob risco eminente de perdição eterna. Entretanto, as consequências que merecíamos pela nossa rebeldia e afastamento de Deus recaem sobre o Servo. Isso não é acidental, Deus mesmo o faz acontecer. É a obra vicária, por meio da qual o Servo – o Cordeiro de Deus – tiraria o pecado do mundo.

Quarta estrofe (Is 53.7-9)

Nesta estrofe são enfatizados três elementos: a submissão do Servo, sua inocência e a injustiça a qual se submeteu. Ao comparar o Servo a um cordeiro levado ao matadouro, Isaías usou uma imagem que qualquer judeu pudesse compreender. Na celebração da Páscoa judaica era tradição abater um cordeiro sem defeito. Quando João Batista apontou para Jesus e proclamou: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29), ele vinculou o Salvador Jesus a esta passagem, bem como a todo o sistema sacrificial do Antigo Testamento. Justino Mártir afirmou: “O sangue da Páscoa salvou aqueles que estavam no Egito; da mesma forma também o sangue de Cristo livrará da morte aqueles que creem”.

Há um nítido contraste entre o povo pecaminoso e o Servo inocente. Quando somos comparados a ovelhas, a tendência é dar proeminência ao fato de que nos perdemos (v. 6). Mas quando o Servo é comparado a ovelha, a ênfase está em sua natureza indefesa e submissa, que é a base da comparação.

Características negativas são vistas em nós, enquanto nele se veem as positivas. Ele partilha a mesma natureza conosco, porém nele esta é perfeita e sem mácula.

Ele foi oprimido e humilhado ... cortado da terra dos viventes ... ferido por causa da transgressão do meu povo. Oswalt observa que opressão dá a ideia de tratamento físico severo nas mãos de outros. O Servo, porém, não resiste a essa opressão, antes, submete-se voluntariamente a ela. Ele não é uma vítima do acaso, nem acometido por um destino impiedoso, ou injustiçado por algum sistema legal corrompido, mas alguém corajoso e digno, que assume as consequências da rebelião de seu próprio povo, mesmo que as circunstâncias sejam as mais degradantes possíveis. O tratamento que o Servo recebeu foi injusto do início ao fim, mas ele estava agindo propositalmente, sofreu o que o seu povo deveria sofrer, morreu a morte que eles deveriam morrer.

Somente alguém que não merecia a mesma punição que outros mereciam, alguém que podia dizer com absoluta sinceridade que nunca se rebelou contra Deus, é que poderia efetuar tal reconciliação. Este Servo é precisamente tal pessoa – “aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2Co 5.21). Sua inocência e obediência voluntária lhe renderiam honra sem medida. Se em vida foi rejeitado e humilhado, após sua morte seria exaltado e glorificado. Ele pode ter sido morto como um criminoso e malfeitor, mas foi sepultado entre ricos e importantes (cf. Mt 27,57-60; Jo 19.38-41).

Quinta estrofe (Is 53.10-12)

Esta última estrofe inicia dizendo o oposto do que foi dito nos versículos 8 e 9: ele verá sua posteridade, terá vida longa e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos. O que faz a diferença? Uma única coisa: o povo acolher em fé a sua oferta pela culpa deles. Quando isso acontece, sua vida, longe de ser fútil, será a vida mais frutífera já vivida. Sua posteridade resultará em filhos de todas as línguas, raças e nações da terra. Muitos comentaristas traçam um paralelo com a

ressurreição de Jesus nestes versículos, depois de suportar toda a humilhação da injusta morte de cruz, a exaltação acontece por meio da ressurreição ao terceiro dia.

Todo o livro de Isaías falou sobre o pecado persistente e da incredulidade do povo eleito. Desde o capítulo 40, há uma ênfase muito ampla à “justiça”, onde muitas vezes ela é sinônimo de livramento (cf. 46.12-13; 51.4-6). O Servo é o Libertador que cumpre todas as promessas de livramento feitas ao povo. Ele é o Ungido de Deus para restaurar o Israel pecaminoso através do seu sacrifício vicário, no qual se cumpre tudo aquilo que o sistema sacrificial prefigurava. A comunhão com Deus tornou-se possível outra vez.

Nenhum profeta poderia fazer isso por Israel, muito menos pelo mundo; nem Israel como um todo, nem qualquer segmento de Israel podia fazê-lo. O Servo está no lugar de Deus, pronunciando o perdão que somente aquele que é sem pecados pode oferecer. A razão pela qual o Servo tem poder para tornar justas muitas pessoas é que ele mesmo leva as iniquidades delas (4-6). Isto não é simbólico. O Servo realmente sofre a condenação proveniente de todos os pecados já cometidos e, em virtude disso, está apto a declarar que todos quantos receberem pela fé a sua oferta são justos e livres diante de Deus.

Com toda fidelidade, o Servo desceu aos maiores abismos. Ele cumpriu a vontade de seu Pai até o grau mais profundo. Em razão da sua fiel obediência, Deus o exaltará às alturas mais sublimes (cf. 52.13). O quadro é o de um cortejo vitorioso com o Servo, marchando em seu papel de vencedor, trazendo para casa os despojos da conquista. O que torna sua exaltação possível é tão somente o seu auto sacrifício voluntário, sua obediência até a morte de cruz (cf. Fp 2.5-11), pela qual veio a identificar-se com os transgressores, morrendo a morte deles para que pudessem viver. Este Servo que trará justiça ao mundo e luz às nações é o Messias davídico: Jesus Cristo, o Israel ideal e perfeito por meio do qual o mundo inteiro verá a salvação de Deus.

4. Proposta homilética

No mundo em que vivemos, as pessoas têm grandes dificuldades para assimilar o sofrimento: ele é doloroso, cruel, injusto, incompreensível. Ninguém quer sofrer. Tenta-se evitar o sofrimento a qualquer custo. O problema é que ele é inevitável. Por que existe tanto sofrimento no mundo? Qual é a sua origem? Se Deus é bom, por que ele permite o sofrimento? Ou seria o sofrimento uma prova de que Deus não existe? Essas questões inquietam muitas pessoas. Em tempos em que o politicamente correto vem ganhando força, afirmar que Deus permitiu a morte cruel e injusta de Jesus Cristo pode parecer um tanto ofensivo para muitas pessoas, especialmente àqueles que ainda não foram tocados pelo Evangelho. Que Deus é este que trata tão cruelmente o seu próprio Filho? Em resposta a objeções como essa, que consideram injusta a obra substitutiva de Cristo, são propícias as palavras de John Stott:

O Evangelho bíblico da expiação trata de Deus satisfazendo a si mesmo ao se dar em substituição por nós. Assim, é possível dizermos que o conceito de substituição se encontra no coração do pecado e da salvação. Pois a essência do pecado é que o homem substitui Deus por si mesmo, enquanto a essência da salvação é que Deus substitui o homem por si mesmo. O homem se coloca contra Deus e na posição em que só Deus merece estar; Deus se sacrifica pelo homem e se coloca na posição em que só o homem merece estar. O homem reivindica prerrogativas que pertencem somente a Deus; Deus aceita penas que pertencem somente ao homem.

A raiz do pecado sempre estará na pretensão do querer ser igual a Deus. Pecado é contrariar a vontade de Deus, é desobedecer a sua ordem, é substituí-lo por qualquer outra coisa. O pecado tem consequências, ele é o grande causador de todos os males e sofrimento existentes no mundo. Após a queda, o ser humano rejeita até mesmo aquilo que Deus faz em seu benefício. Ao permitir o sofrimento e a morte do seu Filho, Deus não está sendo cruel nem injusto, mas

assumindo as consequências que deveriam recair sobre toda a humanidade. Em outras palavras, Deus está sendo justo, ele está punindo o pecado, mas quem suporta essa punição em lugar da humanidade é o seu próprio Filho, Jesus Cristo – verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.

Portanto, Deus não está avesso à dor e ao sofrimento humano, mas, como diz Timothy Keller, ele os leva tão à sério que se dispôs a levá-los sobre si. É sobre isso que fala o profeta Isaías no capítulo 53 do seu livro. A razão não pode compreender esta verdade bíblica, mas a fé que se apega ao Evangelho recebe todos os benefícios que esta verdade traz, a saber, perdão dos pecados, vida espiritual e salvação eterna. Isto não depende do ser humano, mas da ação do próprio Deus por meio de sua Palavra.

Rev. Miguel Zehetmeyer Bergmann